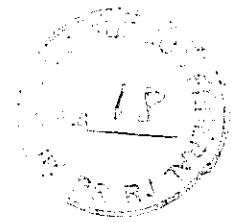




MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL
PROCURADORIA DA REPÚBLICA NO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

TERMO DE DECLARAÇÕES


Aos 17 dias do mês de janeiro de 2014, compareceu espontaneamente a esta Procuradoria da República a Sr^a. Lucia Maria Murat Vasconcellos, brasileira, portadora do RG n.º 021956339 IFPRJ, inscrita no CPF sob o n.º 36.042.127-04, domiciliada na Rua J.J. Ceabra, nº 15, Apt 101, Lagoa, telefones 21-22945590 e 21-981694639, e prestou o seguinte depoimento: Foi presa em 31.03.1971 juntamente com Maria Luiza Garcia Rosa. A casa onde ambas moravam foi invadida de madrugada e a declarante acordou com uma metralhadora em seu rosto. À época pertencia ao MR8. Não sabe como os agentes da repressão chegaram até elas. Talvez tenha sido um infiltrado ou talvez tenham sido seguidas. Disseram-lhe uma vez que estavam sendo procuradas por dois sistemas de informação simultaneamente. Após a prisão foi imediatamente levada ao DOI do Rio de Janeiro, onde permaneceu inicialmente por cerca de 10 dias antes de ser levada para a Bahia, pelo major Cinelli. Na Bahia ficou cerca de 15 dias e depois retornou ao DOI do Rio de Janeiro onde permaneceu até o início de junho de 1971. Depois desta data foi transferida para vila militar e depois para o presídio de Bangu, tendo sido solta somente em 1974. No período que esteve no DOI foi torturada por dois agentes da seção de interrogatórios, de codinomes Gugu e Dr. Nagib. Gugu era um militar alto de olhos azuis e loiro, muito violento. Fazia o papel de torturador violento. Dr. Nagib, por sua vez, era mais ou menos gordo, era moreno e usava um bigode. Tinha uma aparência física meio moura. Olhando as fotos que lhe foram apresentadas, acredita que Gugu realmente possa ser o tenente Antônio Fernando Hughes de Carvalho. Acredita que Dr. Nagib possa ser Riscalda Corbage. Durante muito tempo achou que Dr. Nagib era Freddie Perdigão Pereira, mas depois passou a achar que fosse Riscalda Corbage porque Corbage também era apontado como Dr. Nagib e porque sabia que seu torturador não era oficial do exército. Recorda-se também que João Câmara Gomes Carneiro também era torturador do DOI. Quanto a Armando Avólio Filho, confirma que ele tinha o codinome de Apolo e que muito embora não tenha participado de interrogatórios, ele entrava esporadicamente nas celas e dava "umas porradas", também gritando. Quanto a fotografia de José Nogueira Belham a declarante afirma que sua imagem não lhe é estranha, mas que não pode afirmar com certeza que ele tenha participado de atividades no DOI. Reconhece também a imagem de Francisco Demiurgo e afirma que

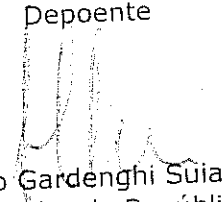


MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL
PROCURADORIA DA REPÚBLICA NO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

muito embora ele não tenha participado diretamente das sessões de torturas ele estava presente no local e exercia função de comando. Foi torturado nos dois períodos em que esteve no DOI até junho. Todavia, notou que antes de sua ida à Bahia a tortura era escancarada e ocorria a qualquer hora do dia ou da noite. Após o retorno da Bahia a tortura era mais velada, sendo que os próprios torturadores disseram à depoente que havia ocorrido mudanças em razão de determinação do general Silvio Frota, a quem chamavam de "velho gaga". Neste segundo período os equipamentos maiores de tortura, como o pau-de-arara já não estavam mais à vista na sala de interrogatório, como antes. A depoente acredita que em decorrência desta mudança os presos políticos mais visados passaram a ser torturados de forma mais violenta em outros locais, tais como: o CISA e a própria casa da morte. Depois de junho a depoente foi levada ao DOI, esporadicamente, outras três vezes. A primeira em setembro do mesmo ano, e as demais mais no final do ano e no ano seguinte. Nestas vezes seguintes notou que a tortura mais violenta havia sido substituída por formas mais "científicas", tais como a geladeira e o uso de uma sala com som amplificado. Inclusive em setembro o médico Ricardo Faiad chegou a inclusive a lhe abraçar e dizer que havia ocorrido uma vitória daqueles que haviam defendido forma menos violenta de tortura. Também notou que depois deste período passou a haver cama e lençol para os presos. Em setembro de 1971 chegou a ser interrogada novamente pelo major Cinelli, mas ele não a torturou com violência física. A partir de setembro não viu mais Gugu nem Dr. Nagib. A respeito da história narrada pelo general Belham sobre uma suposta visita à declarante pelos generais Silvio Frota e Rodrigo Otávio a declarante afirma que não se recorda de tal fato. Recorda-se apenas que o general Silvio Frota esteve lá inspecionando de forma geral as celas. Nesta ocasião a declarante estava acompanhada da presa política Rute, do Paraná. O contato da Sra Maria Luíza Garcia Rosa é (21) 22460364 ou (21) 996451956. Encerrado.

Eu, Priscila Medeiro, Técnica Administrativa, digitei o presente termo.


Lucia Maria Murat Vasconcellos
Depoente


Sergio Gardenghi Suiama
Procurador da República.